

PREPARAÇÃO PARA A CRISMA

Boletim bibliográfico

Francisco Taborda S.J.

Em 1984 as editoras católicas do Brasil publicaram *pelo menos* seis livros ou opúsculos com subsídios para a preparação ao sacramento da crisma (catequese crismal, catecumenato crismal, iniciação crismal — ou como se queira chamar). O dado não é absoluto. Podem ter aparecido muitos outros. Esses seis foram enviados pelas editoras a PERSPECTIVA TEOLÓGICA. Mas, apesar de não ser um dado completo — e até justamente por isso — não deixa de ser significativo. Mostra que há uma procura muito grande de material para essa atividade, insatisfação com o que existe, tentativas múltiplas de equacionar o problema.

Esse fato sugeriu ser oportuna uma recensão conjunta das seis obras, à guisa de boletim bibliográfico, procurando aquilatar-lhes o valor, apontar-lhes as vantagens, detectar-lhes os limites. Possivelmente para o agente de pastoral dedicado à preparação dos jovens para a crisma não exista o livro ideal, pronto para ser aplicado. A partir de sua experiência e da realidade em que está inserido, o agente certamente aproveitará as sugestões dos vários livros para compor seu próprio roteiro. Este boletim poderá ajudá-lo criticamente na seleção¹.

São as seguintes as obras a serem analisadas²:

BERNHARDT, André: *Sob a ação do Espírito Santo. Preparação para crisma*. Ed. Loyola, São Paulo 1984. 99 pp., 21x14cm. (Sigla: A.B.) (Ponta Grossa, PR)

- ¹ O autor remete ainda a duas recensões suas de obras similares: SECRETARIA-DO DIOCESANO DE PASTORAL (Joinville, SC): *Catecumenato crismal*, Ed. Vozes, Petrópolis 1973, em: *PerspTeol* 7 (1975) 128-129. Tarcísio de NADAL: *Crisma, opção por Cristo*, Ed. Loyola, São Paulo 1980, em: *PerspTeol* 13 (1981) 114.
- ² São mencionadas agora na ordem alfabética do sobrenome do autor. Além dos dados costumeiros na secção de recensões desta revista, indica-se também uma sigla, com que a obra será citada a seguir. Entre parênteses, indica-se ainda o local em que os autores desenvolviam sua atividade pastoral ao publicar a obra. Será interessante observar a variedade geográfica da origem dos livros e opúsculos.

-
- DIOCESE DE TUBARÃO, SC: *Crisma, o sacramento da decisão. Roteiro catequético para a crisma*. Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 135 pp., 22,9x16cm. (Sigla: *Tub.*) (Tubarão, SC)
- ODORÍSSIO, Mauro: *Sereis minhas testemunhas. Temas e dinâmica para a pastoral crismal*. Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 131 pp., 17,8x12,8cm. (Sigla: *M.O.*) (Rio de Janeiro, RJ)
- PRELAZIA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA: *Crisma, o que é?* (Col. "Da base para a base" 15). Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 29 pp., 23x16cm. (Sigla: *S. Félix*) (São Félix do Araguaia, MT)
- PULGA, Rosana — SILVA, Antônio F. da: *Crisma. Força para o compromisso cristão*. Ed. Paulinas, São Paulo 1984, 2ª ed., 43 pp., 22,8x15,8cm. (Sigla: *P.-S.*) (Belo Horizonte, MG)
- SPERANDIO, Wilson: *Quero ser Igreja. Encontros para confirmação*. Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 195 pp., 20,9x13,6cm. (Sigla: *W.S.*) (Caxias do Sul, RS)

Três pontos serão considerados: metodologia, temática, teologia da crisma. Os dois primeiros por serem de interesse imediato para a pastoral crismal; o último também por sua importância teológica. Além disso, ocorrerão outras observações esparsas, mais globais, conforme a obra o exigir.

Metodologia

Excluído *S. Félix* que não se mostra diretamente preocupado com a preparação de jovens para a crisma, todos os outros querem ser um roteiro catequético para o catecumenato crismal, tendo presente grupos compostos de jovens. Alguns parecem imaginar ou supor que o próprio crismando terá em mãos um exemplar, o que certamente é pouco realista, considerando-se o poder aquisitivo da população. É o caso de *Tub.* que, para cada reunião, apresenta exercícios "escolares" com espaços em branco para serem preenchidos, e *A.B.* que na introdução justifica a existência de ilustrações no livro com o argumento de que "ajudam a memorizar a mensagem exposta" (p. 6), o que supõe que o crismando manuseie pessoalmente o livro. *M.O.* e *W.S.* (e certamente também *P.-S.*) entendem-se como subsídios para os catequistas.

Isso será bom ter em vista, porque determinará parcialmente o juízo. Assim *A.B.*, se é de fato pensado para ser entregue ao crismando, é extremamente pesado e indigesto. Não só porque o conteúdo é uma Escolástica abstrata e tradicional que não atingirá o crismando, mas também porque as gravuras que pretendiam ajudá-lo são de pouca qualidade e às vezes nem têm relação com o tema tratado (p. ex.: p. 81, a gravura da última cela no cap. sobre a vocação à vida religiosa) ou são esquemas muito abstratos (p. ex.: p. 86 e 93).

Enquanto são roteiros de preparação para a crisma (portanto, todas as obras em questão, exceto *S. Félix*), há preocupação em entrosar

os pais nessa atividade (e às vezes os padrinhos e a comunidade). *A.B.* oferece uma paraliturgia com crismandos e pais (p. 95ss); *Tub.* prevê ao final de quase cada reunião atividades para os pais; *M.O.* idealiza um dia de formação com pais e padrinhos, assumido pelos próprios crismandos (p. 124ss); *P.-S.* põe no final uma reunião com pais e padrinhos (p. 42); *W.S.* estabelece três celebrações comunitárias com pais, catequistas e crismandos (pp. 17, 103, 159). A comunidade é envolvida através das lideranças que vão de alguma forma introduzir os crismandos nas atividades existentes (*M.O.*).

A apresentação do esquema das lições em cada livro poderá dar uma idéia da própria concepção de preparação para a crisma que subjaz à obra.

A.B. traz 21 temas. Cada vez, abaixo do título, enquadrada e em corpo menor, a idéia central do capítulo e o objetivo. Segue-se a exposição, onde está o corpo doutrinal dividido em vários pontos, conforme o assunto. No final uma oração breve. Vem então o item "atitude de vida" ("Quero fazer isto ou aquilo..." "Vou fazer..." — Expressões genéricas e com alto nível de abstração, como, num exemplo tomado a esmo: "Quero ser cristão de verdade", p. 66). O tema conclui com o item "atividades" (que são em geral atividades intelectuais, como, p. ex., respostas a perguntas; às vezes leitura e reflexão sobre textos bíblicos. Uma rara exceção à p. 63). Como se vê, uma metodologia catequética tradicional, abstrata, para oferecer à deglutição dos jovens teologia escolástica em pílulas. O cristianismo resultante é individualista. Não há a menor menção a uma inserção na comunidade eclesial concreta, e nem se fica sabendo se ela existe.

Tub. planeja 27 reuniões. Depois de uma exposição do assunto (de uma-duas páginas) (às vezes a exposição propõe debate em grupo), vem a seguinte seqüência: "Iluminação bíblica" (textos a serem lidos? aprofundados? discutidos? Não se explica o que fazer com os textos). Segue-se às vezes o item "para estudar em grupo" (perguntas). "Aprenda para a vida" (perguntas e respostas de conteúdo doutrinal. Serão para decorar? O título poderia sugerir). "Atividades" (são exercícios de tipo escolar, como: assinalar o certo, relacionar a primeira coluna com a segunda, perguntas com linhas pontilhadas para preencher com as respostas, completar frase, pesquisas etc.) "Atividades para os pais" (muitas vezes a partir de uma leitura bíblica).

A metodologia é, portanto, bem melhor que a do anterior. Mas a catequese corre o perigo de se tornar mais uma aula (além das da escola) e a culpa disso é o caráter escolar das atividades e o uso do livro de texto (descartável) ou de caderno para os exercícios. A modalidade de envolvimento (semanal) dos pais poderá acabar por enfadar pais e cris-

mandos³.

As 20 reuniões previstas por *M.O.* não são enquadráveis em um esquema por sua genial criatividade. Cada dia a dinâmica é diferente. Uma variedade admirável: jogral, gincana, audiovisuais, GV-GO, motivação lúdica, vigília, confecção de cartazes, encenações, dia de formação etc. Praticamente nunca se repete a mesma dinâmica. Dentro dessa variedade criativa, a cronometragem permite, no entanto, que se mantenha a ordem e os limites de tempo. As reuniões não têm nada de escolar; são encontros cheios de vitalidade juvenil. Apenas numa reunião, à p. 61ss, o uso de textos filosóficos breves (Plotino, Filão e Aristóteles!) para contrastar com a linguagem sobre Deus na Bíblia pareceu inadequado. Os jovens conseguirão fazer algo com aquilo? Não está a mesma problemática muito longe do horizonte deles? De resto, a metodologia prevê o envolvimento dos crismandos na própria organização das reuniões (através de subequipes e grupos com tarefas específicas) e na atividade paroquial através de pesquisas e estágios. Sem dúvida, *M.O.* apresenta a mais lograda metodologia dentre as obras aqui comentadas. Técnica e psicopedagogicamente primoroso.

S. Félix, como foi dito, não se destina à juventude que se prepara para crisma, mas certamente a reuniões de CEBs. Compõe-se de 5 capítulos com texto em prosa e verso, ilustrado à maneira de "histórias em quadrinho". O cap. conclui com dois itens: "Converse com os companheiros" (perguntas para a reunião do grupo) e "Leituras da Bíblia" (indicação de textos relacionados com o cap.).

P.-S. está dividido em 14 assuntos, mas "sobre cada *assunto* o grupo poderá realizar tantos encontros quantos forem necessários" (p. 8). Em cada assunto, depois de uma exposição de duas páginas, segue-se (a partir do terceiro assunto com que se inicia a catequese sistemática) três itens sob o título geral de "atividades": "1. Podemos ler a Bíblia" (sugestão de textos); "2. Iluminando a realidade" (título não muito feliz para as perguntas que se seguem); "3. Vamos agir!" (em geral sugestões abstratas com intenção de serem concretas; p. ex.: "O grupo poderá programar alguma ação concreta para vivenciar ainda mais o sentido e a força do sacramento da crisma" [p. 28]. "O grupo programa alguma ação concreta para animar a pastoral familiar em sua comunidade" [p. 34]. É bom recordar que o grupo em questão é o grupo de crismandos!). Os autores pretendem seguir o método "ver-julgar-agir" e pensam que nisto está a novidade do roteiro (cf. p. 7). Na metodologia

³ Numa próxima edição será bom corrigir o erro crasso de português no subtítulo da segunda reunião, p. 18: "*Leia* (3ª pess. = você) a Bíblia e *sentirá* (2ª pess. = tu)..." (grifo meu).

seguida em *cada* assunto não se vê bem a presença desse método. Voltaremos a perguntar por ele ao tratar da temática.

W.S. tem uma estrutura bem complexa em cada um dos 24 encontros, a ponto de ser possível perguntar quanto tempo dura cada um. Teria sido interessante ter feito como *M.O.*, cronometrando cada parte. Em *W.S.* cada encontro tem uma introdução que consiste em oração, comunicação de experiências (a partir do "diário bíblico da semana"⁴) e dinâmicas de entrosamento. Segue-se o seguinte esquema: "1. Vivo no mundo" (cada encontro parte de alguma experiência da realidade; à p. 97 é identificado com o "ver"); "2. Vivo em Deus" (parte doutrinal identificada com o "julgar" à p. 99); "3. Vivo na Igreja" (que corresponde ao "agir" [cf. ib.], um agir a nível ético-teórico). "4. Celebrando a vida" (em geral consta de um canto e uma oração litânica referentes ao tema do dia, seguidos de dois momentos de interiorização, em que o crismando é convidado a repetir em silêncio algumas frases: no primeiro momento de interiorização, intitulado "minhas certezas" resume em três fases breves o conteúdo dos itens 1, 2, 3; o segundo momento, "minha decisão", destina-se a que o crismando faça um propósito relacionado ao tema). "5. Agindo como cristão": agora são indicadas as leituras bíblicas diárias e o salmo da semana e são dadas tarefas preparatórias ao encontro seguinte. Em cada encontro há, ao interno dessa estrutura fixa, dinâmicas variadas: perguntas, leitura de textos e comentário de grupo, trabalhos em grupo, juris... Nesse sentido a estrutura metodológica não é tão rígida quanto o esquema poderia dar a parecer. Mas a variedade de dinâmicas não é tão grande quanto em *M.O.*, nem constituem elas o fator estruturante do encontro como neste último livro mencionado. Poderia haver perigo de monotonia, mas não demasiado. Poderia duvidar-se do bom funcionamento do "diário bíblico", embora *W.S.* tenha o cuidado de em cada encontro variar o que se fará na comunicação de experiências.

Com essas observações já se tem também uma breve visão de conjunto. Excluído *S. Félix* que parece destinado às CEBs e, portanto, à catequese de adultos, os demais livros devem ser julgados pela capacidade pedagógica de atrair o interesse do jovem, envolvê-lo na catequese, levá-lo a participar, a entrosar-se com os companheiros e a engajar-se na comunidade. Desde um ponto de vista formal-metodológico, quem melhor atinge o ideal é *M.O.*, seguido de perto por *W.S.* Enquanto *Tub.* e

⁴ Para cada dia da semana *W.S.* indica um texto bíblico e para cada semana um salmo a ser rezado diariamente depois da leitura bíblica meditada à base das perguntas sobre o que Deus propõe no texto e qual a resposta do crismando (cf. p. 27-28). As respostas a essas perguntas são anotadas (daí: "diário bíblico") para serem comunicadas no encontro seguinte.

P.-S. são muito pouco criativos nesse setor e *A.B.* parece imaginar diante de si um grupo de jovens anterior à proliferação dos meios audiovisivos.

Temática

Que conteúdos da fé é preciso transmitir ao crismando em vista a prepará-lo devidamente para receber o sacramento? Um ponto é pacífico: precisa-se falar da crisma... Se esse, no entanto, é o ponto central ou apenas um dos muitos assuntos, já varia de autor para autor. *S. Félix*, por sua intenção e brevidade, e *W.S.* centram-se aí. Os outros tratam de apresentar uma visão mais global. A seguir se verá em particular, esquematizando em termos bastante genéricos, o percurso temático de cada proposta. Antes, porém, observe-se que outro dado comum é a centralidade da Bíblia em todos, sendo uma das preocupações ensinar a manuseá-la.

A.B. segue o esquema: Cristo — Igreja (aí o Espírito Santo) — Sacramentos em geral — Batismo — Confirmação (sentido e vivência subsequente) — Vocações na Igreja — Virtudes — Dons do Espírito Santo. Formalmente um desenvolvimento razoável da temática, mas sua teologia é demasiado tradicional, seguindo o caminho ontológico da revelação e não o caminho heurístico ou histórico. A Escritura é usada como "dicta probantia"

Como exemplos dessa teologia, mencionem-se: A Igreja é identificada com o Reino de Deus (cf. p. 23). — O Espírito Santo é apresentado como alma da Igreja, o que em si é correto, mas a terminologia é desatualizada (cf. p. 27). — Fala da Trindade praticamente só em perspectiva imanente e inclusive ao falar da revelação da Trindade o primeiro que acentua é o ensinamento, não a manifestação na história (cf. p. 32). — Nos sacramentos "dá-se um encontro com Cristo" (p. 43). Ótimo! Mas esse encontro é depois explicado como "encontro com Cristo na pessoa do ministro" (ib.), o que é, no mínimo, um empobrecimento. — Ao exemplificar o "mal do mundo", 25% dos exemplos são da área sexual (cf. p. 50). E a primeira citada do demônio a mencionar é o terrorismo (por sermos vítimas ou por sermos tentados a usá-lo?) (ib.). — Isola o padre da comunidade (cf. p. 57). — Fala do "sacerdócio comum de Cristo" (p. 56). Ora, o sacerdócio comum é do cristão e não de Cristo. E ao especificar em que consiste, anota entre outras coisas: contribuir "para o sustento da Igreja, do Culto e de seus ministros faz parte do sacerdócio comum" (p. 57), o que não deixa de ser verdade, mas é meio estranho que se saliente. — Não se consegue ver que seja possível fazer algo na Igreja a não ser como "sacerdotes, religiosos e missionários" (p. 70).

Tub. tem no início dois encontros sobre a Bíblia para garantir seu manuseio e reto uso. Depois vem em seqüência: O homem — A fé cristã — Cristo — Igreja — Sacramentos (batismo, eucaristia, penitência, crisma) — "Temas de cultivo" (felicidade, sexo, namoro, catequese e pastoral da juventude, religião e religiões, espiritismo e cultos afro-brasileiros). Muito bem explicitada está a Igreja como comunidade de fé, culto e amor (cf. p. 57ss e volta depois, ao falar da missão de quem é crismado, p. 98s). Aliás, essa abordagem eclesiológica se encontra também em

M.O. (p. 76s) e W.S. (p. 149).

M.O. também parte da Bíblia. Depois segue o seguinte esquema geral: Criação — Pecado — Cristo — Espírito Santo — Igreja — Batismo — Penitência — Eucaristia — Dons do Espírito Santo — Crisma. É, portanto, um esquema histórico-salvífico. A Trindade aparece na história da salvação. Interessante a apresentação da Igreja a partir de LG 1-17 e a concretização da Igreja na paróquia. O autor observa que o estudo da natureza e missão da Igreja "corre o perigo de ficar diluído, de se tomar muí abstratamente. Porém ela pode ser sentida mais concretamente na Paróquia, uma vez que nela se faz mais visível, mesmo na sua missão santificadora" (p. 76). Daí a reunião sobre paróquia e engajamento paroquial (p. 75ss) e as pesquisas e estágios (cf. p. 114ss).

S. Félix parte de Pentecostes, explica quem é o Espírito Santo, fala da crisma em relação ao batismo (sobre o qual já fora publicado outro caderno na mesma coleção e da mesma Prelazia), dos sinais ("bênção") e dos efeitos da crisma.

P.-S., depois de uma sessão de apresentação ("encontro de aquecimento", p. 9s) e uma sobre a realidade, passa à seguinte seqüência: Bíblia (tema da aliança) — Igreja — Sacramentos (os sete, um por um, exceto eucaristia e penitência que são tratados juntos) — Liturgia. Como se vê, está muito centrado nos sacramentos, embora estes não devam ser tratados ritualisticamente, mas em seu significado para a vivência humana e cristã (cf. p. 8).

Antes se perguntava se aqui estaria presente o método "ver-julgar-agir", que fora anunciado como característica desse livrinho e não estava claro na metodologia. De fato há um encontro inicial de "observação da realidade, compromisso e aprofundamento", onde se sugere uma "excursão" pela paróquia, favela, bairro. Essa "excursão" fica totalmente inclara. Em que consiste? Realiza-se num dia? Em vários? É o que sugere a observação à p. 13, pois o assunto de cada dia será escolhido conforme o que se viveu durante a excursão. Nesse caso, a "excursão" seria o "ver"; a reunião, o "julgar". Então se entenderia melhor o item 3 (cf. acima na metodologia) como "vamos agir!" Mas este livrinho não prima pela clareza nem pela precisão. Não somente aqui. Também a linguagem se caracteriza por ser imprecisa.

Alguns exemplos: Pão e vinho "representavam o que havia de *mais íntimo* numa refeição" (p. 29, grifo meu). Que significa isso? — Ou ainda: "A ordem é o sacramento da mediação da aliança de Deus com seu povo" (p. 35). Essa frase só se entende se se considera que a ordem constitui sacerdotes e o sacerdote é o mediador. Mas, além da frase como tal ser enigmática e discutível, a teologia do ministério ordenado assim suposta não considera a problematicidade das categorias sacerdotais para designar o ministro ordenado na Igreja. — Na mesma pág. os autores se expressam como que confundindo ordem com celibato. — À p. 36 há um enigma (não proposital): "Os vários conceitos de sacerdote: Mc 3, 13-19; Mt 28, 16-20; Jo 17, 9-19; At 1, 12-12 (sic!); 1 Pd 5, 1-4; 1 Tm 4, 12-14; 1 Cor 16, 19". Se o leitor se der ao trabalho de procu-

rar as citações bíblicas verá que, no mínimo, a palavra "conceito" está mal empregada, além de que nenhum desses textos fala de sacerdotes! — Outro exemplo característico de imprecisão de linguagem está à p. 27, onde se diz que o profeta "anuncia... a injustiça social" (grifo meu). E o parêntese que se segue, garante que não é erro de um linotipista desprevenido que tivesse acrescentado um indiscreto "in" à palavra "justiça".

W.S. centra-se no Espírito Santo, seus dons e seus frutos. Esquematicamente: Cristo — Dons do Espírito Santo — Frutos do Espírito Santo — Igreja (nesse contexto um encontro sobre a crisma) — Ação no mundo. Tomando as palavras com que o autor intitula cada uma das partes, se poderia formar a seguinte frase: Seguir a Cristo, guiados pelo Espírito, produzindo bons frutos em sua Igreja, vivendo no mundo. Os dons do Espírito Santo não são, no entanto, os sete dons clássicos que a tradição tomou de Is 11, 2 LXX, mas são nove, apenas parcialmente coincidentes com aqueles: sabedoria, inteligência, ciência, liberdade, fé, esperança, amor, vida, discernimento. Não deixa de ser uma boa solução para conservar essa tradição dos dons, pois os sete da enumeração clássica provocam certo mal-estar, notado por *M.O.*, que, antes de começar a explicá-los, previne: "Só que cada dom deve ser compreendido conforme a mensagem bíblica e não segundo o modo corrente de pensar" (p. 98). Os frutos, de doze que a tradição leu em Gl 5, 22-23, *W.S.* reduz a cinco que só parcialmente coincidem com aqueles: alegria, paz, serviço, unidade, santidade. Considerando o esquema de *W.S.*, verifica-se que aparentemente é menos histórico-salvífico que *Tub.* ou *M.O.*, mas é só aparência. Sua preocupação em sublinhar a ação de Deus na história é constante. Além disso, partindo em cada encontro da experiência e da realidade, torna-a transparente a Deus e a sua ação na criação e na história.

Entretanto, às vezes é menos feliz, como quando relaciona as etapas da vida com os sacramentos (ressalte-se, no entanto, o mérito de enquadrar assim os sacramentos na parte "vivendo no mundo" no encontro sobre "fé adulta"). Fazendo o citado relacionamento, resulta: batismo — criança; eucaristia (primeira) — adolescente; crisma — jovem; matrimônio — adulto; unção dos enfermos — maturidade. Além de inverter a ordem dos sacramentos de iniciação, a caracterização da unção dos enfermos não é muito feliz, embora a maturidade deixe a idade indeterminada (sempre pode dar-se o caso previsto por Sb 4, 13: "consummatus in brevi explevit tempora multa"!), acaba levando à identificação da unção dos enfermos como extrema unção, pois a etapa da vida em que se recebe é quando: "A vida física já não importa. ... Aceita a morte corporal como passagem para a vida em plenitude" (p. 166). — Alguns cochilos são observáveis, como quando define o bispo por algo acidental: "São indicados pelo papa" (p. 144). Felizmente as outras características do mesmo atingem mais o cerne do episcopado, caso contrário nem Ambrósio nem Agostinho teriam sido bispos, pois não foram indicados pelo papa, mas pelo povo. — Numa próxima edição evite-se dizer que o motivo da celebração da penitência é "celebrar nossos pecados" (p. 176). Os pecados não se celebram, mas sim seu perdão e, como o próprio *W.S.* acrescenta na mesma frase, "a grande misericórdia de Deus para com cada um de nós"

Teologia da crisma

A crisma não é sacramento fácil de identificar. Como originariamente constituía uma íntima unidade com o batismo, tal como a Igreja Oriental a conserva, ao ser separada cronologicamente, a Teologia se encontrou frente ao dilema: ou dar conteúdo à crisma, roubando-o do batismo, ou fazer dela mera repetição de algo já acontecido no batismo. O NT atesta que o batismo confere o Espírito Santo, não se torna então a crisma uma duplicação do batismo? Poderia dizer-se: "Não faz mal, porque a crisma é confirmação do batismo, assumi-lo como adulto". Mas aí já se toma como base da Teologia a evolução posterior do sacramento na Igreja do Ocidente. Como fazer com que a crisma não viva da fraqueza do batismo, eis a questão inevitável em toda teologia crismal.

A separação entre batismo e crisma na Igreja Latina se deu por fatores históricos (e não teológicos). Toda Teologia que queira identificar a crisma sem levá-lo em consideração, acabará inventando sentido para a crisma, o qual não seria mais que ideologia (no sentido de justificação a posteriori de uma prática dada).

Aqui entra também o problema da unidade e seqüência dos sacramentos da iniciação cristã. Batismo-confirmação-eucaristia, eis a seqüência lógica, teológica, litúrgica, normal; a prática da Igreja Latina (batismo — [penitência] — eucaristia — crisma) é uma anomalia, embora tenha suas razões pastorais. Como se apresentam essas questões na catequese crismal? Para tanto será preciso atender a como batismo e crisma são relacionados pelos autores, como aparece a doação do Espírito Santo no batismo e na crisma, qual o efeito do sacramento.

A.B. explica o batismo como sacramento da vida nova que nos faz templos do Espírito Santo (p. 46). A crisma confere o dom do Espírito Santo "para uma vida mais intensa, alegre, irradiante e comunicativa" (p. 49). O efeito é coragem, fortaleza, testemunho. Pela crisma o cristão é preparado para lutar contra "o mal no mundo" e as ciladas do demônio e em favor do bem em nós e no mundo (p. 50s). O dom do Espírito Santo é depois explicitado com os sete dons da Teologia clássica (p. 54 e 89ss). Deste modo, a distinção entre batismo e crisma está em que naquele nos é dado o Espírito Santo (pois nos tornamos seus templos); nesta nos são conferidos seus sete dons. Como se podem separar ambos os aspectos, não é explicado nem constitui problema para o autor. Mas fica a pergunta: Como nos pode ser dado o Espírito Santo sem seus dons? Os dons são algo mais que o Espírito Santo? Se não nos confere seus dons no batismo, que faz ele em nós?

Para *Tub.* o batismo oferece⁵ “as luzes do Espírito Santo” (mencionadas numa mesma frase com “o amor de Deus” e “a redenção de Jesus Cristo” p. 72). Distingue-se com isso da crisma que “nos oferece sete dons”, enumerados na forma clássica (p. 94s). A grande característica da crisma provém, para estes autores, do seu outro nome: é “confirmação do batismo” (p. 94). Sua definição: “um sacramento que confirma o batismo, compromete com Jesus Cristo e nos comunica o Espírito Santo” (p. 92). Recebido na infância, o batismo necessita de confirmação consciente e livre (cf. p. 94). A crisma é, pois, sacramento da maioridade (cf. p. 65), “sacramento da decisão”, como diz o título. Define-se, pois, a crisma pela prática pastoral hodierna, sem considerar-se a prática originária, conservada na Igreja Oriental. Aliás, tanto se ignora a prática da Antigüidade que, ao explicar explicitamente como era o catecumenato no começo da história da Igreja, se diz: “Quando a pessoa cumpria bem com estas exigências [do catecumenato], então podia ser batizada, receber a eucaristia e ser crismada” (p. 59). Veja-se a ordem dos sacramentos de iniciação, inadmissível na Igreja dos primeiros séculos. Projeta-se para então a prática de hoje. Assim não é de admirar que se defina pela prática hodierna o próprio sacramento. — Quanto aos efeitos, são citados muitos: “Confirma nosso batismo. Faz-nos profetas da nova aliança. ... Quer ser uma força na nossa luta contra o mal, o pecado e a injustiça. Faz-nos livres e alegres como cristãos. Compromete-nos com Jesus Cristo, com a Igreja e com os homens, especialmente os mais pobres...” (p. 90).

M.O. traz diversas explicações para o nome “confirmação” e encontra em todas elas, como denominador comum, a idéia de que a crisma é o “sacramento da maioridade cristã” (cf. p. 109s). Explicitamente põe o problema da relação com o batismo, onde também se recebe o

5 É interessante o malabarismo verbal dos autores de *Tub.* para evitar qualquer impressão de magia nos sacramentos. Não se diz que tal ou qual sacramento faz isso ou confere aquilo. “O batismo nos *oferece...*”, “O batismo nos *compromete a...*”, “O cristão é aquele que *através do batismo procura ser...*” p. 72s, grifos meus), “pelo sacramento da crisma... *precisamos* nos sentir livres, conscientes para confirmar o batismo...” (p. 94, grifo meu). A intenção é válida. Resta saber se com isso não se enfraquece demais o sentido do sacramento. Deus oferece sem dúvida sua graça também fora do sacramento. Para que então sacramento? Quando se diz: “O cristão é aquele que através do batismo procura ser... profeta...” (p. 73), qual a função do inciso “através do batismo”? Não é através do batismo que ele *procura* ser profeta, mas através do anúncio de Jesus Cristo e da denúncia do pecado. O batismo é ponto de partida, a celebração do assumir tal missão etc. — O autor desta nota prepara no momento um livro sobre os sacramentos, onde espera abordar o problema.

Espírito Santo. Resolve-o com uma distinção: no batismo recebe-se o Espírito Santo como vida; na crisma, como força (cf. p. 110). Essa distinção está, por certo, de acordo com a afirmação de que na crisma o cristão recebe os dons do Espírito Santo, "por meio dos quais poderá ter uma visão nova das coisas, das pessoas, dos acontecimentos" (p. 100). Explicando o lugar da crisma entre os sacramentos, localiza corretamente na iniciação cristã e atribui também corretamente a prática atual a uma razão pastoral (cf. p. 110s). Ignorando os resultados da exegese⁶, identifica a imposição das mãos em At 8 e 19 com o sacramento da crisma.

S. *Félix* relaciona batismo e crisma, comparando aquele com raiz e tronco numa árvore, esta com os ramos e os frutos; aquele com a construção de uma casa (paredes e telhado), esta com o acabamento, de forma que a crisma "completa o batismo" (p. 18), confirma-o. Quer dizer que o batismo é incompleto? Se se considera a definição que dá de batismo como união à morte e ressurreição de Cristo e nascimento para a vida da fé da comunidade (cf. p. 15) e se pela crisma "recebemos o Espírito Santo, de um modo especial, para agir e trabalhar pelo Reino" (ib.), não se vê como esta complete aquele e o que traz de novo, pois como teremos nascido para a vida de fé da comunidade, se não agimos e trabalhamos pelo Reino? Como efeitos da crisma são mencionados liberdade, alegria, firmeza e coragem, testemunho de Jesus, arriscar-se como ele, cumprir com os deveres na família e comunidade, participar da caminhada da comunidade (cf. p. 25s).

Também para P. -S. a crisma é o "sacramento da maturidade cristã" (p. 27), "força para o compromisso cristão", como diz o subtítulo. Faz-nos profetas e testemunhas do Reino, militantes, prepara para a luta, celebra "a entrada do cristão na maturidade da fé" (p. 28). Ao falar do batismo, o Espírito Santo não é mencionado, de forma que apenas ao tratar da crisma se fica sabendo que ele já foi conferido no batismo, pois o crismando "prepara-se para usar com sabedoria o dom do Espírito Santo recebido no batismo" (p. 27). Fica a pergunta: é uma questão de preparo? Antes o cristão não "usava" esse dom do Espírito com sabedoria? Como o usava então? Ou não o usava? É "usar" um verbo adequado para ter como objeto direto o dom do Espírito Santo? O sacramento faz algo? Ou é só questão de "preparar-se" para "usar"? Aqui aparece de novo a imprecisão de linguagem que caracteriza esse livrinho. Mais adiante a crisma já é mais do que uso sábio de um dom

⁶ Cf. Richard, J. DILLON — Joseph A. FITZMYER, *Acts of the Apostles*, em: Raymond E. BROWN e outros (ed.), *The Jerome Biblical Commentary*, Geoffrey Chapman, London — Dublin — Melbourne 1970, vol. II, 165-214.

recebido no batismo, pois se diz que para dar frutos "precisamos de um novo dom do Espírito Santo" (p. 28, grifo meu). Então na crisma se recebe mais um dom do Espírito Santo. Por que não basta o dom anterior, do batismo? E como é isso dos dons do Espírito Santo? São dois, um dado no batismo (qual?), outro na crisma (qual?)?

Para W.S. a crisma "comunica em plenitude o Espírito Santo como aconteceu com os apóstolos" (p. 155). Daí decorre que no batismo o recebemos "em dose menor". E na ordem? Além disso, o autor recorda, com razão, que *todos* os sacramentos comunicam o Espírito Santo. Que significa então "em plenitude"? A plenitude deve compreender os dons e os frutos do Espírito Santo, pois sobre eles W.S. se demora longamente em seu curso. Que significa então o pedido pelos sete dons na oração consecratória da ordenação diaconal? Quanto aos efeitos, a crisma confirma a fé, o batismo, a vida cristã, faz-nos fortes, corajosos. E certamente nos leva a "viver Igreja", pois este é o título do livro.

Todas essas perguntas e críticas, às vezes talvez impiedosas e indiscretas, querem chamar à atenção que não é fácil identificar o sacramento da crisma, dada sua proximidade com o batismo e sua originária unidade com o mesmo. Não é aqui o lugar de apresentar uma solução positiva à questão que leve em consideração o dado bíblico sobre o batismo e a prática litúrgica primitiva e da Igreja Oriental. A brevidade desta nota não o permite. O autor pretende, no entanto, em outra ocasião, voltar sobre o assunto. Aqui seja apenas sugerida uma solução. Será preciso partir do sentido e cronologia do mistério pascal de Cristo (morte — ressurreição — ascensão — pentecostes), no qual o batismo e a crisma concedem participar. Aliás, não foi acentuado por nenhum dos livros analisados esse aspecto de participação no mistério pascal através dos dois sacramentos (exceto S. *Félix*). No entanto, esse dado, ligado ao caráter de sinal, próprio aos sacramentos, é que permite distinguir os sacramentos e dar sentido à crisma sem roubar do batismo, nem confundir com ele, nem lançar mão dos dons do Espírito Santo.

Pode-se verificar na análise dos seis livros, como o recurso aos dons do Espírito Santo, como próprio da crisma, foi o meio mais frequente que se encontrou para afirmar neste sacramento uma novidade com relação ao batismo. Aparentemente a oração à imposição das mãos sobre os crismandos em conjunto, de origem muito antiga, dá apoio litúrgico à pretensão. Entretanto, a Teologia dos dons é, na verdade, um achado bastante tardio, de resto sem base no texto hebraico de Is 11, 2. Separar o Espírito de seus dons e imaginar que ele viria no batismo sem estes e só os daria na crisma é coisificar a autocomunicação de Deus no Espírito Santo.

Outro aspecto que valeria observar por sua importância para a in-

interpretação da crisma é que nenhum dos livros valoriza, na simbologia sacramental, o fato de a unção ser feita com *crisma* que não é simplesmente óleo, mas *óleo perfumado*. O óleo é mero veículo do perfume. Talvez a prática de confeccionar o crisma usando uma quantidade mínima de essências perfumadas num grande volume de óleo, tenha feito esquecer o que a Igreja Oriental com seu *míron* jamais olvidou: que o simbolismo do perfume tem sua importância para interpretar a crisma e compreender sua relação com o batismo (o perfume depois do banho). Em contra, a Igreja Latina apegou-se ao fato de o veículo do perfume ser óleo, para explorar a metáfora do atleta, do guerreiro de Cristo, que se unge para a luta. O simbolismo do perfume permite, no entanto, relacionar a crisma com o banho do batismo, numa unidade diferenciada, e com Pentecostes, pelo qual o Espírito dá ao cristão difundir o "bom odor" de Cristo (cf. 2 Co 2, 15).

Ao abordar a questão dos efeitos do sacramento, é geral a confusão entre indicativo e imperativo. Apresenta-se o que é imperativo como se fosse indicativo, o que pode provocar no jovem crismando uma decepção, pois verá que nada daquilo acontece com ele. Basta reler os efeitos que foram acima mencionados ao relatar a concepção dos diversos autores para ver que pode levar o jovem a essa frustração. Se se ensina a eles que a crisma nos faz fortes e alegres como cristãos, ou corajosos, e eles não alcançam a experiência subjetiva da força, alegria e coragem, poderão ficar frustrados em suas expectativas. Se, porém, se ensina que a crisma nos dá participar do mistério de Pentecostes, o dom do Espírito aos apóstolos (e esse é o *indicativo!*), então decorre daí, para quem participou de Pentecostes, o *imperativo* de ser forte e corajoso na fé e aí encontrará alegria.

Sirvam estas observações finais apenas como insinuação do caminho que seria necessário trilhar para uma sólida Teologia crismal, embaçada na tradição anterior à separação cronológica de batismo e crisma na Igreja Latina.

Francisco Taborda S.J. é doutor em Teologia pela Universidade de Münster (Alemanha). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG. Autor de *Cristianismo e ideologia*, Ed. Loyola, São Paulo 1984.

Endereço: Caixa postal 5047 (Venda Nova) — 31611 Belo Horizonte - MG